

## ERRO PRAGMÁTICO? QUE BICHO É ESSE?

Loar Chein Alonso

Docente da UFRGS e doutoranda no Curso  
de Pós-Graduação em Linguística e Letras da PUCRS

Este artigo foi escrito como uma forma de dialogar com meus colegas professores de língua estrangeira (L2) para falantes nativos do português (L1). O meu objetivo é fazer uma breve retrospectiva das contribuições que a lingüística como teoria tem oferecido ao ensino de L2, até chegar à conceituação de pragmática e de erro pragmático — assuntos que têm despertado o interesse de muitos lingüistas nos últimos anos.

Para obter dados, foi elaborado e aplicado um pequeno questionário com o objetivo de elicitare respostas a elogios. Através da análise das respostas procurou-se conceituar erro pragmático. Em fim, desvendar “que bicho é esse”.<sup>1</sup>

### 1 — O QUE É PRAGMÁTICA?

O uso moderno do termo atribui-se ao filósofo Charles Morris (1938), o qual propôs a distinção entre semiótica e as demais áreas da lingüística. Para ele, a sintaxe seria “o estudo das relações formais entre os signos, a semântica, o estudo das relações entre o signo e o significado, e a pragmática, o estudo das relações entre os signos e seus intérpretes”.<sup>2</sup>

Tanto as definições quanto o domínio dessas áreas de estudo sofreram alterações desde o enunciado de Morris. Para nossos objetivos é importante frisar a idéia fundamental ao conceito de pragmática, isto é, a presença do intérprete, daquele que faz uso do sinal alterando-o a fim de adequá-lo ao contexto ou interpretá-lo de forma diferente à luz de contextos diferentes.

Um enunciado como "tu trabalhaste ontem", ou sua alternativa "o/a senhor/a trabalhou ontem" só pode ser interpretado e validado como falso ou verdadeiro em relação ao contexto. Quem é tu/senhor/a? Quando é ontem? Por que tu e não senhor/a?<sup>3</sup> Tu pode ser masculino ou feminino, mas essa distinção não é inerente ao pronome mas ao referente presente num determinado contexto de fala. O/a senhor/a pode referir-se a pessoas de idades variadas, jovens ou idosos. Novamente, é o contexto que determina a opção.

Se perguntar a uma senhora de cinqüenta anos com pretenções à eterna juventude "tu trabalhaste ontem?", meu enunciado com tu poderá ser muito mais gratificante e bem-vindo do que se tivesse sido usado o respeitoso "senhora" que poderia suscitar inclusive uma mal-humorada observação: "estás me achando velha, por acaso?"

Da mesma forma, se perguntar a uma criança de dez anos "o/a senhor/a trabalhou muito ontem?" poderia estar implicando humor, ironia ou contrariedade. A resposta estaria no contexto.

Os exemplos acima, nos mostram aspectos normalmente estudados sob o domínio da pragmática ou sejam:

1P) aspectos da língua cujos referentes só podem ser identificados em relação ao contexto, isto é, pronomes dêiticos e indexicais;

2P) aspectos adicionais de significado do enunciado, isto é, a diferença entre aquilo que é dito e aquilo que é implicado.

Se a pragmática ficasse restrita apenas ao estudo de dêiticos e indexicais ela teria muito pouco a oferecer à teoria lingüística. Mas foi exatamente a diferença entre o dito e o implicado, isto é, *speaker meaning versus sentence meaning* que levou filósofos como Austin e Grice a desenvolverem suas teorias, que formam hoje o alicerce da pragmática.

Conforme Austin em seu livro *How to do things with words* (1962), há certos enunciados tais como, *agora eu vos declaro marido e mulher... eu te batizo...* que são eventos em si mesmo. Isto é, ao pronunciar um enunciado X, não estou descrevendo o que estou fazendo ou o que posso vir a fazer, eu faço X (Austin 1976). É o ato elocutório, diferente do ato locutório, o mero pronunciamento do enunciado e também distinto do ato perlocutório, o efeito que o enunciado possa ou não a vir causar.

Searle (1969) retomando as idéias de Austin, desenvolveu o conceito de atos de fala indiretos, que poderiam ser definidos como a possibilidade que o falante tem de dizer X e implicar Y. Por exemplo, alguém que ao sentir frio, ao invés de pedir para fechar a janela diz, entre outras possibilidades "como estou com frio".

Grice, também filósofo, desenvolveu a teoria da implicatura. Minha frase "Grice, também filósofo..." pode servir como exemplo. Pelo uso da palavra também implico que as pessoas anteriormente mencionadas, Austin e Searle, são filósofos. Essa seria uma implicatura do tipo convencional, isto é, propriedade de determinadas expressões. O outro tipo é a implicatura conversacional e esta é a mais importante, pois seu entendimento depende do contexto e regras de comunicação.

Para Grice (1968), a comunicação é uma atividade cooperativa regida por um princípio maior que é o princípio da cooperação, e por quatro máximas, a saber:

Máxima da Quantidade — informar tanto quanto se fizer necessário, nem mais, nem menos.

Máxima de Qualidade — não dizer aquilo que se acredita falso ou que não se pode provar.

Máxima de Relação — dizer aquilo que é relevante ao assunto em pauta.

Máxima de Maneira — evitar a ambigüidade. Ser claro, breve e ordenado.

Se assumirmos que nosso interlocutor obedece ao princípio de cooperação, sempre que houver violação de uma das máximas é sinal de que algum significado adicional está sendo implicado. Para Grice "as mensagens significam aquilo que é dito e, se aquilo que é dito não faz sentido no seu contexto, o ouvinte tem então o direito de inferir que elas implicam ou insinuam alguma outra coisa que faça sentido" (Werth, 1981).

Imaginemos que alguém ao acabar de ler o jornal, faz o seguinte comentário ao seu interlocutor: "O pão e o leite subiram novamente. Era o que nós precisávamos". Entendemos a ironia da segunda oração em relação à primeira por que assumimos que nosso interlocutor esteja cooperando, sendo sincero e só dizendo o que é relevante para a conversação. Se violou intencionalmente a máxima de qualidade, o fez por que quis comunicar um significado adicional, neste caso o oposto do que afirma. É o paradoxo ao qual Edmondson (1981) se refere, isto é, se espera que o falante

desrespeite os princípios conversacionais a fim de que possa segui-los.

Os constructos teóricos, mais importantes para a pragmática são frutos dessas teorias. A importância da intenção do falante e o reconhecimento dessa intenção por parte do ouvinte para a realização do ato de fala; a noção de pressuposição pragmática ou condições de felicidade e o conceito de implicatura conversacional são todos aspectos sistemáticos da linguagem que só podem ser abordados por uma teoria que leve em consideração o falante e o contexto da fala.

## 2 – POR QUE PRAGMÁTICA?

A pergunta procede porque ao longo do tempo as várias teorias lingüísticas que surgiram e se sucederam, aliadas a teoria psicológica do momento, sempre foram aplicadas com maior ou menor sucesso na metodologia de ensino de línguas estrangeiras, em especial ao ensino de inglês (L2). Foi assim que o estruturalismo aliado a psicologia comportamentalista de Skinner serviu de base ao método audiolingual. A língua era vista como um outro tipo de comportamento, o verbal, que o ser humano apresentava e que poderia ser aprendido, reforçado pela formação de hábitos através de estímulo e resposta.

Com o aparecimento da gramática transformacional de Chomsky, passou-se a enfatizar o aspecto cognitivo e criativo da linguagem. As noções de competência e desempenho superaram a idéia de comportamento verbal.

Lyons e Wales (1966) criticando a teoria disseram que as novas propostas eram três: a primeira diz que a criança é biologicamente predisposta à aquisição da linguagem, a segunda é de que essa capacidade inata toma a forma de universais lingüísticos e a terceira é de que esses universais têm a mesma forma que as noções básicas da gramática transformacional de Chomsky. Conforme eles, metaforicamente falando "a child is now born with a copy of Aspects of a Theory of Syntax tucked away somewhere inside".

Dell Hymes (1971) critica Chomsky pelo fato de ter omitido regras de uso, isto é, princípios de adequação da língua ao contexto ou situação de fala. Ele diz que há regras de uso sem as quais as regras gramaticais se tornariam inúteis. Esse posicionamento de

Hymes é profícuo, pois a língua não mais será considerada um bloco monolítico analisado através de modelos descritivos estáticos.

O reconhecimento do falante, de sua identidade, intenção, conhecimento anterior ou compartilhado com o interlocutor e contexto de fala dão impulso vital para o desenvolvimento da sociolingüística e da pragmática. Nesta ótica, regras de uso, de estilo, passam a fazer parte da competência do falante. O potencial comunicativo conforme Halliday (1971), resulta da interação do social com o lingüístico, que determina o que o falante pode dizer (conhecimento do contexto), o que pode significar (opções semânticas) e o que pode implicar (opções pragmáticas). Esse novo posicionamento também teve reflexos no ensino da L2 mencionada. Agora o falante não é apenas um ser cognitivo, mas um ser social. O conteúdo visa à competência comunicativa e as abordagens tomam nomes diversos tais como *notional*, *functional* ou *communicative*.

Se o objetivo de ensino de uma L2 é ensinar a usar essa L2 com propósitos comunicativos, questões de ordem pragmática certamente terão de ser consideradas. A pragmática nos mostra que há aspectos lingüísticos que não podem ser resolvidos através de abstrações gramaticais mas sim através do contexto e situação de fala. Para comunicar precisamos não só de regras gramaticais mas também de regras de uso.

A pragmática já tem algo a oferecer nesse sentido.

## 3 – ERRO PRAGMÁTICO

Antes de definir o que é erro pragmático, gostaria de citar Tannen (1984) que reflete exatamente o meu pensamento a respeito do assunto. Segundo ela, "*one who learns the explicit vocabulary and the grammar of a new language is likely to stuff it into the implicit paralinguistic and discourse casings of the native communicative system*". Com maior ou menor intensidade fazemos isto; ajustamos o vocabulário e a gramática da L2 à estrutura do nosso sistema comunicativo, razão de tantos desajustes! Essa sobreposição também se verifica em relação a atitudes e valores éticos e sócio-culturais. Em situações comunicativas, o que prevalece muitas vezes são os nossos parâmetros lingüísticos e sociais.

Em português, umas das formas mais comuns de pedir alguma coisa é através do imperativo.<sup>4</sup> Quando existe abrandamento ele é feito em torno do imperativo. Por exemplo:

Me dá o livro agora?

Me dá o livro um pouquinho?

Me dá o livro só um pouquinho?

Me dá o livro só um pouquinho por favor?

Usando-se esta forma em inglês poderemos passar por rudes ou muito diretos, e isso acontece muitas vezes, não porque não saibamos como fazê-lo na L2, mas sim por que o sistema que vige, que funciona como ponto de referência é o sistema da L1. Talvez pudéssemos fazer uma comparação a grosso modo com uma pessoa que quer caminhar para frente olhando para trás.

Em geral, acontece um erro pragmático quando (1) as normas sociais diferem entre as duas comunidades ou (2) o falante não sabe o equivalente na L2 daquilo que ele diria as mesmas situações usando o L1.

Conforme Coulmas (1981) não é apenas suficiente aprender a desculpar-se na L2, é preciso aprender quando e para quem pedir desculpas de acordo com as normas de interação daquela comunidade. Segundo ele, é preciso que se conheçam as restrições ao uso dentro da cultura da L2, pois a aparente correspondência de certos aspectos lingüísticos freqüentemente colide com questões de uso. "Uma coisa é saber a equivalência semântica, outra bem diferente é saber a equivalência em termos de função comunicativa" (Coulmas, 1981).<sup>5</sup>

Antes de tentarmos uma definição final do que seja erro pragmático, é importante que se diga que nem todos os pragmatistas concordam com a mesma terminologia para o fenômeno. Florian Coulmas (1981) chama de interferência pragmática aquilo que Gabrielle Kasper (1983) chama de erro pragmático. Jenny Thomas (1983) faz a distinção entre *pragmalinguistic failure* e *sociopragmatic failure*. Thomas prefere "failure" a "error" porque segundo ela um erro só pode ser julgado a partir de normas prescritivas e não é possível dizer que a força pragmática de um enunciado esteja errada uma vez que a competência pragmática implica regras prováveis e não absolutas ou categóricas como são as regras gramaticais. Para Thomas é legítimo falar em erro gramatical uma vez que é possível julgar a gramaticalidade de uma oração a partir de regras prescritivas. A força de um enunciado não pode estar

errada; o que se pode dizer, segundo ela, é que o enunciado não atingiu o objetivo que o falante tinha em mente ao proferi-lo.

Jenny Thomas ainda vai mais longe, fazendo a distinção entre falha pragmalingüística e falha sociopragmática. A primeira ocorre quando a força pragmática dada ao enunciado pelo falante da L2 é diferente daquela comumente dada pelos falantes nativos ou então quando a transferência de estratégias entre L1 e L2 é feita de forma incorreta. A falha sociopragmática ocorre quando o comportamento lingüístico não é adequado às normas sociais da comunidade da L2.

Entendo a distinção que Thomas faz entre erro e falha pois como ela mesmo diz "é difícil incorporar julgamentos de adequação de forma precisa em gramáticas e livros-textos".

O que fica difícil concordar é com a distinção entre falha pragmalingüística e falha sociopragmática já que o aspecto lingüístico e o pragmático estão em tão íntima relação que se torna difícil falar a respeito deles sem incluir o social. Partindo do princípio que pragmática é a língua em uso, como é possível cometer uma falha pragmalingüística sem cometer ao mesmo tempo uma falha sociopragmática?

O reverso, porém, nem sempre é verdadeiro. Posso cometer uma falha sociopragmática sem incorrer em falha pragmalingüística como tal. Abordar assuntos que são tabu ou considerados "proibidos" na L2 ou pedir emprestada alguma coisa também considerada "proibida"<sup>6</sup> na L2. Por exemplo, a diferença que existe entre pedir um fósforo e pedir um objeto de uso pessoal, normalmente intransferível na comunidade da L2 mas de livre troca na comunidade da L1.

Um outro exemplo para esclarecer melhor: um universitário que se dirige ao professor chamando-o de *teacher*. Assim o faz porque (1) não sabe que em inglês só se dirige a um professor universitário chamando-o de *Professor* mais seu sobrenome ("Doctor" mais o sobrenome também é possível) ou (2) porque teve como referência a língua portuguesa, no caso, onde a distinção não é feita. Com este caso procuro mostrar a dificuldade em manter a dicotomia proposta por Thomas. O que possa causar constrangimento nas relações sociais poderia ser abordado separadamente nas aulas de cultura da L2 ou nas aulas de conversação sob a forma de "tópicos", tabus, etc.

Quanto à escolha da terminologia, opto pela de Gabrielle Kasper (1981), ou seja, erro pragmático. O erro pragmático caracteriza-se pelo uso inadequado do código lingüístico em relação ao contexto. Como um erro revela falta de competência e sendo possível falar em diferentes níveis de competência (a competência lingüística por exemplo, inclui o conhecimento descontextualizado da sintaxe, semântica, fonologia) não vejo porque uma falha de competência comunicativa, que envolve conhecimento lingüístico e social, não possa ser chamada de erro pragmático.

#### 4 – EXEMPLOS DE ERROS PRAGMÁTICOS

A fim de desenvolver melhor o conceito de erro pragmático e oferecer exemplos autênticos, elaborei um pequeno questionário que foi aplicado a alunos universitários de inglês em fase de conclusão de curso. O questionário constava de dez situações em que o interlocutor A elogia o interlocutor B e este, por razões de polidez, tem de reagir ao elogio de A, quer aceitando, reforçando o elogio, recusando ou discordando e elogiando A ao invés.

A partir dos dados obtidos, verificou-se que as respostas poderiam ser classificadas em três grupos:

A) aquelas que revelavam erros causados pela sobreposição da L1 sobre a L2;

B) aquelas que revelavam erros causados pela própria L2;

C) aquelas que revelavam erros gramaticais sérios e que foram por isso desconsideradas.

Dados estes fatos, optei por desdobrar o conceito de erro pragmático em dois, a fim de melhor acomodar os erros encontrados.

Aquilo que convencionei chamar de erro pragmático interlingüístico inclui erros do tipo A, isto é, o aluno transfere para a L2 a mesma força elocutória do ato de fala da L1.

O erro pragmático intralingüístico inclui erros do tipo B. Este erro caracteriza-se principalmente pela ausência de traços típicos da linguagem oral, tais como elipses do sujeito, elipses dos verbos auxiliares, frases curtas, frases intencionalmente incompletas, orações parentéticas, certos advérbios usados para intensificar ou abrandar enunciados, diferenças de níveis de formalidade ou informalidade.

#### 4.1 – Erro pragmático interlingüístico

As respostas que se enquadram dentro deste critério, apresentam diversos tipos de interferência da L1. Enumerarei as mais importantes com exemplos:

1) Omissão da expressão "Thank you" ou equivalente quando essa é normalmente usada ou esperada.

Na situação III do questionário aplicado (SIII ou SIV daqui em diante), a esposa acaba de tecer uma blusa e a mostra ao marido que lhe diz:

A: I love your sweater. It is beautiful.

Entre as respostas obtidas temos:

B: Is this the only thing you have to tell me?

Na SIX, um pianista acaba de dar um concerto e um amigo vem cumprimentá-lo:

A: I really like the way you play the piano.

Temos como respostas:

B: To tell you the truth, I agree with you.

B: It's because I love what I do.

2) Tradução quase literal para o inglês daquilo que o aluno normalmente diria nas mesmas circunstâncias em português, ao invés de ter lançado mão de expressões mais autênticas da L2.

Na SIX, anteriormente descrita, temos como resposta de B ao elogio de A, o que segue:

B: Really! Thanks God.

Na SII uma vizinha (B) mostra a outra (A) o retrato de seu bebê.

A: Oh my! Isn't he cute!

B: Yes, of course. He is already a clever boy.

Na SVIII, uma amiga encontra a outra também usando um casaco novo. Ocorre a seguinte troca.

A: That's a really nice coat you're wearing.

B: I agree with you but yours is far more beautiful.

A outra resposta de B que serve como exemplo é:

B: Mine is nice but yours is much nicer.

3) Recusa ou discordância ao elogio feita de forma muito abrupta. Ausência de expressões características de abrandamento na L2.

Na SIV, B convidou um grupo de amigas para um chá em sua casa. Uma de suas amigas (A) elogia o arranjo de flores feito por B. Ocorrem as seguintes respostas:

A: Those flowers are beautiful.

B: Not so beautiful, you're just trying to make me happy.

B: Not so beautiful. I've seen some more beautiful than mine.

Na SVI, um remador A diz ao seu amigo B:

A: You are a very good rower, B.

B: I don't think so. It's sure that you are the best.

De acordo com os critérios acima, um grande número de erros deve-se à escolha lexical. Alguns dos itens mais utilizados pelos alunos foram os verbos *to agree/disagree*, *to exaggerate*, e os adjetivos *\*exaggerated* e *satisfied*. Estes itens lexicais são comuns em português em resposta a elogios, mas o mesmo não acontece em inglês. O aluno teria transmitido a mesma idéia de forma mais autêntica, se tivesse usado *happy* no lugar de *satisfied* e *c'mon* ou *well*... no lugar de *you're exaggerating*, por exemplo.

#### 4.2 – Erro pragmático intralingüístico

Os erros dessa natureza têm como uma das causas o emprego de traços característicos da linguagem escrita para responder a uma situação – simulada no caso – de linguagem oral.

Talvez a causa maior fosse o próprio questionário cujo objetivo era elicitare linguagem oral através de respostas escritas. Para esclarecer melhor, citarei os tipos de erros mais importantes que ocorreram em várias situações.

1) Tendência a responder com orações completas tipos "sujeito-verbo-objeto". Na SII, já descrita anteriormente, encontramos os seguintes tipos de resposta para um elogio de A.

A: Oh my! Isn't he cute?

B: Oh, yes, He has demonstrated a sharp intelligence.

ou ainda

B: Yes, he is the prettiest baby I know.

Na SVI, temos para o elogio de A, novamente uma resposta do tipo SVO:

A: You are a very good rower, B.

B: Oh, that's not true. You are much better than I am.

2) Ausência de traços que caracterizam a linguagem oral, já mencionados na seção 4. Darei, portanto, apenas os exemplos.

Na SVI, uma das respostas dadas por B é:

B: I am not good anymore as I was in the past.

Na SVIII, temos:

A: That's a really nice coat you are wearing.

B: Oh thank you, but you bought a more beautiful one.

E ainda na mesma situação:

B: I can't agree fully with you. Yours is \* nice than mine.

3) Uso de expressões formais que poderiam ser adequadas à linguagem escrita mas não em situação de fala quando a distância entre os interlocutores é pequena, isto é, de informalidade. Os exemplos que seguem pertencem a situações já descritas, darei apenas os números e as "exchanges".

SVI, A: You are a very good rower, B.

B: You are a very good rower. If it hadn't been for you, we wouldn't have won the competition.

SIX, A: I really like the way you play the piano.

B: To tell you the truth, I agree with you.

e ainda

B: I am very pleased to hear that. Thank you heartily.

4) Ausência quase completa da "softeners", isto é, advérbios que abrandam uma recusa ou uma discordância. Temos os seguintes casos:

SV, A: You brought... hum... like a ton of things.

B: Don't be silly, you know I love cooking.

mais

B: No, just some dishes made by myself.

SVI, A: You are a very good rower, B.

B: Don't say nonsense! Of course you're better than me.

SVII, A: Hi, you sure look good today.

B: Not as I really wanted to look, but anyhow...

Os tipos de erros 3 e 4 se sobrepõem, talvez porque tenham dupla origem:

a) falta de hábito na língua materna, o que não suscita curiosidade ou necessidade de aprender o equivalente na língua estrangeira. Seria um erro interlingüístico;

b) a causa do erro estaria no fato de que o aluno só é ensinado ou só adquire uma única variedade da L2, língua escrita. Esse tipo de erro poderia então ser classificado como intralingüístico.

## 5 - CONCLUSÃO

A análise das respostas nos mostrou que o grande problema ainda é o domínio das estruturas básicas da L2, neste caso o inglês. É difícil atingir adequação a contextos diferentes quando o aluno ainda está a se debater como um naufrago para produzir uma frase gramaticalmente correta.

A pergunta que se insinua é esta: é possível atingir competência pragmática com uma semicompetência gramatical?

Poderíamos responder com um sonoro "não"; por outro lado, poderíamos perguntar se a competência gramatical é sinônimo de competência pragmática. Antes de tentarmos uma resposta, deveríamos examinar outras variáveis que entram no processo de ensino e aquisição de uma L2 e que dificultam o desenvolvimento da competência pragmática do aluno. Entre outros poderíamos citar:

1º) o programa desenvolvido e os livros-textos adotados refletem apenas uma variedade da L2, por exemplo, a linguagem formal escrita;

2º) embora o aluno tenha sido exposto a outras variedades da L2, por exemplo, linguagem oral, linguagem oral coloquial,

linguagem oral formal, etc., o tempo de exposição não foi suficiente;

3º) falta de motivação; o aluno não sente a necessidade ou não vislumbra a possibilidade de usar a L2 em situações comunicativas, o que o leva a concentrar seus esforços no domínio da gramática da L2;

4º) o professor como modelo deixa a desejar. Tratando-se do ensino de uma L2 a atuação do professor é de suma importância uma vez que, na grande maioria dos casos, ele é a única fonte alimentadora;

5º) os objetivos do curso poderiam ter sido outros que excluíssem a competência comunicativa; o ensino da leitura para informação, por exemplo.

Pelo exposto, vemos que não é possível apontar uma única causa como responsável, da mesma maneira que seria impossível apontar um único caminho que nos levasse a plena competência pragmática. Mesmo por que ainda temos uma outra pergunta a nossa frente: o conhecimento pragmático deve ser desenvolvido de forma paralela ou posterior ao código lingüístico da L2?

Não obstante a dificuldade da tarefa, ainda fico com Crystal (1969) que diz não ser suficiente tornar nosso aluno bilingüe, mas sim multilingüe, que ele não seja obrigado a usar uma única variedade da L2 para situações diversas, nem que seja obrigado a dirigir-se a pessoas de níveis, idades, profissões e situações sociais diferentes de uma mesma maneira. O aluno deveria ser instruído de tal forma que pudesse "transitar" na L2 com a mesma facilidade que o faz na L1. Isto significa atingir não apenas competência lingüística como também competência pragmática.

Mais um desafio a ser vencido.

## NOTAS

1 - Esse é um dos tópicos que fazem parte da tese de doutorado da autora.

2 - LEVINSON, S. - *Pragmatics*.

3 - Essa distinção não tem nada a ver com o valor da verdade de uma frase, sua relevância está na interpretação da frase.

4 - A força ilocutória do imperativo fica reduzida pela entonação interrogativa.

5 - Esta e as demais citações foram traduzidas pela autora do artigo.

6 - Estou usando a palavra "proibida" em relação à noção de free goods desenvolvida por Brown & Levinson (1978) em *Universals in Language Usage: Politeness Phenomena*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. R. (1962) — *How to do things with Words*. London, Oxford University Press.
- BATES, Elizabeth (1976) — *Language and Context. The acquisition of Pragmatics*. New York, Academic Press.
- BLUM, Kulka, S. and OLSHTAIN, E. (1984) — Requests and Apologies: A Cross-Cultural Study of Speech Act Realization Patterns. *Applied Linguistics*, vol. 5, n.º 3.
- COULMAS, F. (1981) — *Conversational Routine. Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned Speech*. Mouton, The Hague.
- CRYSTAL, D. and DAVY, Derek (1969) — *Investigating English Style*. London, Longman.
- EDMONDSON, W. (1981) — *Spoken Discourse. A Model for Analysis*. London, Longman.
- FAERCH, C. and KASPER, G. (1984) — Pragmatic Knowledge: Rules and Procedures. *Applied Linguistics*, vol. 5, n.º 3.
- HALLIDAY, M. A. K., MCINTOSH, Angus and STEVENS, Peter (1964) — *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. London, Longmans.
- HOUSE, Juliana (1984) — Some Methodological Problems and Perspectives in Contrastive Analysis. *Applied Linguistics*, vol. 5, n.º 3.
- TANNEN, Deborah (1984) — The Pragmatics of Cross-Cultural Communication. *Applied Linguistics*, vol. 5, n.º 3.
- THOMAS, Jenny (1983) — Cross-Cultural Discourse as "Unequal Encounter": Towards a Pragmatic Analysis. *Applied Linguistics*, vol. 5, n.º 3.
- . (1984) — Cross-Cultural Pragmatic Failure. *Applied Linguistics*, vol. 4, n.º 2.
- VALDÉS, Guadalupe and PINO, Cecilia (1979) — *Muy a tus órdenes: Compliment responses among Mexican — American bilinguals*. *Language in Society*, 10, 53-72.
- WILSON, D. and D. Sperber (1981) (1979) — "On Grice's theory of conversation". In: WERTH, P. (ed.). *Conversation and Discourse Structure and Interpretation*. 155-78, London, Croom Helm.
- YAVAS, Feryal (1984) — A contribuição da pragmática para o ensino da leitura. Comunicação feita no II Encontro Anual da APLL/RS.